

ANOTAÇÃO A UMA NOTA OU ... "O INSUCESSO DE NAPOLEÃO ...".

"... Estudo do insucesso de Napoleão em Portugal" é, indubitavelmente, um tema de História que pode designar-se de português e que, necessariamente, engloba personagens franceses.

Não creio que por isto, apenas, o monopólio do assunto seja de franceses, mas a verdade é que os naturais da antiga Gália se sentem um tanto ciosos quando alguém trata, ainda que de leve, os seus heróis particulares. Por mais de uma ocasião isto podia ser afirmado; neste caso o parecer está confirmado.

Quero referir, simplesmente, uma publicação de minha autoria com o sub-título acima, vindo a luz nos volumes XXVI e XXVII da **Revista de História** de São Paulo, sob a direção do Professor Eurípedes Simões de Paula.

Foi dada notícia dessa minha publicação no **Bulletin des Études Portugaises** (1) e da qual agora toñei conhecimento.

A referida publicação, de título completo: **O Cêrco de Almeida e as Linhas de Tôrres Vedras — subsídios para o estudo do insucesso de Napoleão em Portugal**, constitui-se numa "tese" o que se notícia logo na página de abertura, em nota única dessa página, mas foi publicada em dois volumes da já citada **Revista** por necessidades meramente gráficas.

Não obstante aquela característica do meu trabalho o **Bulletin** desprezou o pormenor e um comentarista "teve o cuidado" de analisar, separadamente, o escrito em cada volume. Não precisaria recordar aqui que o mesmo comentador ignorou aquela regra, muito recomendada em **Crítica Histórica**, e chamada de Contexto, que, também no caso, deveria respeitar-se. Seria de bom tom e revelaria erudição, sempre tão necessária, especialmente em ciências históricas!...

(1). — Tomo 25, 1964 à pág. 340.

Mas não foi respeitada a “regra de contexto” e o que o “crítico” fez foi referir-se, separadamente, ao publicado em cada número da Revista.

Quanto ao publicado na 1a. (vol. XXVI) diz com tôda a singeleza: “Exposição dos acontecimentos desde o início do Consulado até 1809”. Que a minha tese se refere a 1810 ficaria a sabê-lo depois; mas também posso suspeitar que já sabia. Simplesmente não o revelou para continuar o comentário nestes termos: “a tese de Fugier, Napoleão e-a-Espanha, donde o autor parece ter-se servido bastante, não é citado em parte alguma”.

Eis a razão por que lhe não convinha revelar o conhecimento do meu trabalho como uma “tese”; é que ao final há uma relação bibliográfica (2) e o comentador não desconhecerá o parentesco entre Fugier e alguns autores e obras ali indicadas. Desse a entender que conhecia esta relação bibliográfica é aquêle comentário não teria mais lugar.

Pretendeu, apenas, chamar-me de plagiário e deu por concluída a sua tarefa. Mas mesmo isso o fez com certa prudência, não estivesse por aí enganado... “a tese de Fugier — diz — donde o autor parece ter-se servido”.

Aquele parece é uma nota falsa, que, aliás, não destôa da composição!...

É uma indecisão de quem não está seguro daquilo que diz... mas ao final vai dizendo!

Que não era um plágio êle o sabia; tanto assim que linhas abaixo, na mesma página 340 do **Boletim**, comenta o publicado na 2a. Revista e, então, descobre que o meu trabalho trata a “Invasão de Massena em 1810-1811”.

Aqui já não havia elementos que autorizassem a insinuação de plágio; seria estranho ignorar a bibliografia indicada no final.

Mas o gaulês não olvida que tem um encargo as suas costas; nem que um estranho trata os seus heróis. E... ao atrevido que tanto se atreve, envia a seta embebida no curare que o liquidará de uma vez... Por isso que acrescenta de imediato: “alguns documentos inéditos de interêsse secundário”...

Convenhamos que o veneno é forte e ministrado em dose que abateria qualquer um. Aquêles “documentos de interêsse secundário” mesmo sendo “inéditos”, são, para mim, “coisa nova” em documentação; mas eu confesso, com humildade, que desconhecia; talvez porque, na minha ignorância (falta de atualização)... nem me dei conta da “bossa nova” em História!...

(2). — Pág. 148 do vol. XXVII.

Culpa minha e eu me sinto contrito!... Bem que poderia ter consultado previamente o censor que, sem dúvida, estaria habilitado a fazer uma conveniente distinção entre “documentos de interesse secundário” e “documentos de interesse principal”, sendo, embora, “inéditos”. Não o fiz e eis o meu erro; o erro mais grave, segundo creio porque, além dessa “conveniente distinção”, outras eu poderia aprender que me poderiam ser úteis em tôdas as circunstâncias...

Mas é em nós um hábito já antigo, hábito mau para os tempos que corremos, e que nos não deixa ser tão “isentos” como o comentador, porque nos acostumamos a fazer e dizer aquilo que queremos e devemos e não aquilo que os outros querem ou aconselham... atavismo, seja!...

Depois nós vamos gastando o nosso labor, muitas vezes em jornadas penosas, por terras onde os aprimoramentos da técnica não são tão vastos assim.

Para exemplificar diremos, mesmo, que nem tínhamos à mão qualquer... qualquer “documentómetro”, ou coisa que o valha, para podermos avaliar do “interesse” dos documentos que nos serviram. Falha grave, bem sei, e no caso irremediável, mas fique ao menos como desabafo.

Da próxima vez lembrar-nos-emos do **Bulletin** e dos seus “críticos” para tratarmos os heróis gauleses. Assim, talvez não incorramos em desagrado e não ficaremos sob a mira dos historiadores de lá. A não ser que — uma hipótese, aliás, inocente — a não ser que, dizíamos, o comentador que nos comentou com seus comentários não seja, por acaso, francês.

De qualquer maneira aqui fica a nossa “anotação”; e fica, também encerrado o assunto que tínhamos a pretensão de encerrar... algumas linhas antes.

JOSÉ AUGUSTO VAZ VALENTE

Da Sociedade de Estudos Históricos.